

PT

OXI DRETU, MANHAM MARIÁDU de Fidel Évora

María de Brito Matias. Janeiro, 2022

Curadora

Particularmente ligado ao domínio da arte urbana, graffiti, e arte visual contemporânea, Fidel Évora cresceu tanto na Cidade da Praia, República de Cabo Verde - onde nasceu - como na margem sul do rio Tejo, Portugal. Fazendo uso formal deste interesse pelas culturas africanas e urbanas, a sua prática geral repousa na investigação e traz à luz diálogos e histórias outrora esquecidas. Nesta exposição, podemos observar este gesto de revelação e exploração sobre noções de si e do Outro e sobre transparência e opacidade. É no centro desta dualidade que a presente exposição individual intitulada OXI DRETU, MANHAM MARIÁDU deseja existir. O título da exposição, que significa "hoje bem, amanhã complicado", instila ainda mais este binário que o artista deseja transmitir - na vida e na forma como a abordamos (vendo tanto o lado bom como o mau das situações), e nos significados por detrás das obras. Inspirado por uma canção, como são muitas das suas obras de arte, o nome selecionado inspira-se na peça musical "Tunuka" de Orlando Pantera.

Pensando no conceito de transparência: rodeia esta exposição individual numa pluralidade de formas. Podemos observar a transparência na técnica e no meio, uma vez que o artista faz uso de composições sobrepostas de serigrafia, acrílicos e spray. No entanto, a utilização delicada de materiais representa uma abordagem formal bem como teórica, uma vez que as camadas que o artista emprega são, adicionalmente, um exercício de significados sobrepostos. Podemos, simultaneamente, observar a transparência na forma clara como o artista deseja expressar as suas preocupações e temas. Mas, a transparência como conceito pode apresentar-se como opaco. Por exemplo, na era digital em que todos habitamos e temos dificuldade em escapar, a transparência é impingida a todos (Alloa e Thoma, 2018) o que cria uma fronteira opaca e concreta à nossa privacidade. A tecnologia, em geral, pode servir tanto de barreira como de portal, como Évora reflecte na sua série Mass Media onde, como Baudrillard tinha feito, o artista pergunta: "estão os mass media do lado do poder na manipulação das massas, ou estão do lado das massas na liquidação do significado" (Baudrillard, 1985).

A translucidez do espaço e do lugar da escrita constitui também um ponto relevante a assinalar na obra de Évora. As frases que pontuam a exposição escritas em crioulo permitem que o desejo de conquista de um espaço que foi negado a muitos, em particular a mulheres, se revele.

A transparência deste pedido - para ser ouvido, para ser visto - existe também no olhar assombroso das mulheres nas imagens que Évora trouxe à vida. Estas imagens parecem virar o olhar do Outro para nós mesmos, na forma como mulheres - tão habituadas a ser observadas - são agora as que nos observam. As peças que constituem a série Fla mudjeris (2022) foram inspiradas por uma canção que a artista ouviu no documentário "Mais Alma" de Catarina Alves Costa, que retrata a vida e a arte de Cabo Verde. Nesta peça, podemos ouvir: "Dja mandan nha dinheiro, Fla mudjeris de Cabo Verdi, Djan contenti cu nha dinheiro" (Já enviaram o meu dinheiro, dizem as mulheres de Cabo Verde, estou feliz com o meu dinheiro), indicando um anseio de autonomia e independência - mas em geral, o pedido parece ser de ter voz. Do mesmo modo, a sua obra Fake Self-portrait 1989 N°1 (2018), que é apresentada aqui retirada do seu grupo de peças irmãs, oferece para contemplação a imagem de um jovem rapaz. Mais uma vez, estamos a ser observados por este auto-retrato, que é uma combinação de rostos diferentes, e que representa o próprio artista tanto quanto é universal. Aqui a cor é introduzida de forma mais clara, com os tons de azul e cobre que cobrem o rosto deste rapaz contrastando os tons de cinza e dourado que enchem a exposição.

Encontramo-nos agora rodeados pelos olhos atentos de mulheres e crianças de Cabo Verde. De facto, quando reconhecemos que estamos a ser observados pela totalidade das suas obras, o que Darya Maoz (2005) afirmou, ao falar sobre o "olhar mútuo", pode ser aplicado pois as peças permitem "ver uma imagem mais complexa, de dupla face, onde tanto os olhares turísticos como os locais existem, se afectam e se alimentam mutuamente e o encontro que produzem". O Outro é agora reconhecido, superando a condição de celofane muito atribuída, e à medida que olhamos através e para além das camadas do seu trabalho, ganhamos consciência de como os olhos desatentos tendem a operar quando confrontados com narrativas diferentes das próprias. No trabalho de Évora, ganhamos consciência dos rostos transparentes, das vozes abafadas, das histórias esquecidas, e das micro e contra-narrativas deixadas para contar. Se nada mais, OXI DRETU, MANHAM MARIÁDU deseja contra-narrar. Desenhar uma narrativa a partir do ponto de vista do silenciado, para dar a possibilidade de ouvir e compreender a complexidade de realidades (Mora, 2014) fora das nossas fronteiras, o que permite que o transparente se torne opaco e seja visto.

EN

OXI DRETU, MANHAM MARIÁDU by Fidel Évora

María de Brito Matias. January, 2022

Curator

Particularly connected with the realm of street art, graffiti, and contemporary visual art, Fidel Évora grew up in both Cidade da Praia, Republic of Cabo Verde - where he was born - and on the south bank of the Tagus River, Portugal. Making formal use of this interest in African and urban cultures, his overall practice rests on researching and bringing to light dialogues and stories once forgotten. In this exhibition, we can observe this gesture of unveiling and exploration on notions of the self and the Other and on transparency and opacity. It is at the center of this duality that the present solo show titled OXI DRETU, MANHAM MARIÁDU wishes to exist. The title of the exhibition which means "today good, tomorrow complicated", further instills this binary the artist desires to convey - in life and how we approach it (seeing both the good and bad of situations), and in the meanings behind the works. Inspired by a song, as many of his artworks are, the name we selected draws inspiration from the musical piece "Tunuka" by Orlando Pantera.

Thinking about the concept of transparency: it surrounds this solo show in a plurality of forms. We can observe transparency in the technique and medium, as the artist makes use of overlaid compositions of screen print, acrylics and spray. Yet the delicate usage of materials represents a formal approach as well as a theoretical one, as the layers the artist employs are additionally an exercise of overlapping meanings. We can, simultaneously, observe transparency in the clear way the artist wishes to express his concerns and themes. But, transparency as a concept can present itself as opaque. For instance, in the digital age we all inhabit and have difficulty escaping from, transparency is thrust upon everyone (Alloa and Thoma, 2018) which creates an opaque and concrete boundary to our privacy. Technology, in general, may serve as both barrier and portal as Évora reflects on his series Mass Media where, as Baudrillard had done, the artist asks: "are the mass media on the side of power in the manipulation of the masses, or are they on the side of the masses in the liquidation of meaning" (Baudrillard, 1985).

The translucence of the space and place of writing constitute also a relevant point to note in Évora's work. The phrases which punctuate the exhibition written in crioulo allow for the desire of conquest of a space that was denied to many, in

particular women, to shine through. The transparency of this request - to be listened to, to be seen by - exists as well in the haunting gaze of the women in the images Évora brought to life.

These images seem to turn the gaze of the Other onto the self, as women, - so used to being watched - are now the ones watching us. The pieces which constitute the series Fla mudjeris (2022) were inspired by a song the artist listened to in the documentary "Mais Alma" by Catarina Alves Costa, which portrays life and art from Cabo Verde. In this piece, we can hear: "Dja mandan nha dinheiro, Fla mudjeris de Cabo Verdi, Djan contenti cu nha dinheiro" (They've already sent my money, The women of Cape Verde say, I am happy with my money), indicating a longing for autonomy and independence - but overall, the request seems to be for voice. Similarly, his work Fake Self-portrait 1989 No1 (2018), which is presented removed from its group of sister pieces, offers for contemplation the image of a young boy. Again, we are being watched by this self-portrait, which is a combination of different faces, and that represents the artist himself as much as it is universal. Here color is introduced to a greater extent, with the tones of blue and copper which cover the face of this boy, contrasting the gray and gold hues which fill the show.

We now find ourselves surrounded by the gazing eyes of women and children of Cabo Verde. In fact, when we recognize that we are being watched by the entirety of his works, what Darya Maoz (2005) claimed, when speaking on the "mutual gaze", can be applied as these pieces allow us "to view a more complex, double-sided picture, where both the tourist and local gazes exist, affect and feed each other and the encounter they produce". The Other now is recognized, overcoming the condition of cellophane much attributed, and as we look through and beyond the layers of his work, we gain a consciousness of how unattentive eyes tend to operate when confronted with narratives dissimilar to our own. In Évora's work, we gain awareness of transparent faces, hush-down voices, forgotten stories, and of the micro and counter-narratives left to tell. If nothing more, OXI DRETU, MANHAM MARIÁDU wishes to counter-narrate. To design a narrative from the vantage point of the silenced, to give the possibility to hear and understand the complexity of realities (Mora, 2014) outside our borders, which allow for the transparent to become opaque and be seen.